

# Uma apropriação de Tela Total

A busca da realidade perdida em um roteiro de viagem pelo virtual

Adriana Amaral e Paula Jung Rocha \*

## Índice

1 Saravejo – Bósnia	2
2 Guerra do Golfo	3
3 França	4
4 Deserto, o universo do ciberespaço	5
5 Referências Bibliográficas	8

**Resumo:** O trabalho propõe uma reflexão e um resgate hipertextual a respeito de alguns dos principais conceitos que fundamentam a obra de Jean Baudrillard em relação às novas tecnologias. Partindo da coletânea de ensaios *Tela Total*, estabelecemos um roteiro de viagem relacionando as passagens nas quais o pensador francês — fascinado pela temática dos viajantes, vide os relatos encontrados nas obras *Cool Memories* e *América* — discorre sobre temas como: morte do real, informação no estado meteorológico, perda de referências, falta de interatividade com a máquina, importância do erro como condição diferencial da humanidade em oposição à perfeição da máquina, internet como simulação de espaço de liberdade e descoberta, computador como prótese, falta de significação na TV, *zapping* involuntário do telespectador.

---

\*Doutorandas em Comunicação Social pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

**Palavras-chaves:** Baudrillard, virtual, novas tecnologias.

Sejam bem-vindos a uma incrível viagem pelo mundo do virtual, mas lembrem-se, para “fazer-criar”<sup>1</sup> que esta possibilidade verdadeiramente acontece é preciso se dar conta de que o momento atual não passa de uma simulação, pois a realidade desapareceu. Há somente algo a cobrir esse desaparecimento, fruto da essencial atividade dos signos.

Pode-se até dizer que se passa, hoje, por um simulacro da existência, já que a dimensão do virtual elimina todas as possibilidades lógicas de apreensão de um espaço real. Imagine-se como uma mosca dentro de um vidro fechado, que, ao tentar sair, defronta-se constantemente com o vidro, e mesmo assim, segue na tentativa de escapar dessa barreira, incompreensível para sua percepção, porém evidente. Isso é o virtual, impossível de entendê-lo como um todo, mas um fato presente no cenário das relações contemporâneas.

*Tela Total* é o guia real conduzido pelo instru-

---

<sup>1</sup>O autor esclarece que: “A comunicação não é o falar, é fazer-falar. A informação não é o saber, é o fazer-saber. O verbo “fazer” indica que se trata de uma operação, não de uma ação. Na publicidade, na propaganda, trata-se não de criar mas de fazer-criar. A participação não é uma forma social ativa nem espontânea; é sempre induzida por uma espécie de maquinaria ou de maquinação, é um fazer-agir, como a animação e outras coisas semelhantes” (Baudrillard, 1997)

tor virtual Jean Baudrillard, o qual inicia a viagem com uma frase que servirá de pista para se alcançar o destino previsto: “Eu sou um simulacro de mim mesmo”<sup>2</sup>

Estabelecemos um roteiro de viagem com visitas por alguns pontos polêmicos da obra do pensador, os relacionamos com lugares, a maioria deles, citados em *Tela Total*. Destaca-se que essa *tour* é randômica e hipertextual ao remeter-se a outros livros do autor. O enunciado roteiro poderia ter sido iniciado a partir de qualquer localidade, uma vez que, os caminhos complexos desse novo tecido social, que se desenha a partir das novas tecnologias apresentam-se de forma nebulosa, permitindo múltiplas interpretações. Sigamos então em direção a primeira visita.

## 1 Sarajevo – Bósnia

O período contemporâneo e definido por Baudrillard como uma era pós-orgiástica, no qual a sociedade convive na simulação de um mundo real. O massacre étnico, que atingiu sérvios, bósnios e croatas no leste europeu é um tema recorrente em *Tela Total*, e serve como um exemplo sangrento da morte do real.

*Se fosse caracterizar o atual estado de coisas, eu diria que é o da pós-orgia. A orgia é o momento explosivo da modernidade, o da liberação em todos os domínios. Liberação política, liberação sexual, liberação das forças produtivas, liberação das forças destrutivas, liberação da mulher, da criança, das pulsações inconscientes, liberação da arte. (...) Total orgia de real, de racional, de sexual, de crítica e de anticrítica, de crescimento e de crise de crescimento.” (Baudrillard, 1990)*

O estado de orgia é considerado com reserva por Baudrillard, ao contrário de Maffesoli

<sup>2</sup>Frase proferida por Baudrillard na conferência *Tela total, a cultura no estágio meteorológico da in-formação*. Porto Alegre, PUCRS, 21 out. 1997.

(1995). Conforme atesta a teoria de Maffesoli, a energia vital dos momentos faz com que se estabeleçam laços de socialidade entre indivíduos que partilham idiosincrasias. Em sua descrição e análise das aparências nas sociedades contemporâneas, o autor aponta para uma ética da estética no domínio da vida cotidiana, em que as uniões se constroem pelos sentimentos, ou seja, através de um critério subjetivo que desafia a lógica e o racional, demasiadamente exaltados pela modernidade. A partir da subjetividade e da sensibilidade, resgatadas dos momentos orgiásticos e dionísios pela pós-modernidade, é que Maffesoli (1999) conceitua as novas aglutinações de indivíduos como neotribais.

Baudrillard inclina-se mais para uma herança de pensamento na tradição crítica de Guy Debord (2000), o qual afirma que o reinado da aparência, definidor da contemporaneidade, apresenta-se como uma dimensão alienante do *modus vivendi* social. A essa condição de produção na vida societal ele chamou de sociedade do espetáculo. “Sob todas as suas formas particulares — informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos — o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade” (Debord, 2000).

A espetacularização da cultura, da economia, da arte, enfim da vida humana como um todo, tem no circuito da mídia sua principal vitrine. Conforme sua perspectiva crítica ao espetáculo como reconstrução de material e de técnica da religiosidade, Debord (2000) afirma que “quando o mundo real se transforma em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico”.

A perda geral de sentido caracteriza a condição humana na atualidade. A falta de significados, de grandes narrativas e utopias — como descreveu Lyotard em fins da década de 70, na obra *A condição pós-moderna* — é acelerada através da quantidade e da repetição incessante de imagens. Para Baudrillard, as imagens repetidas *ad*

*infinitum*, se tornam hiper-reais e acabam contagiando seu entorno, com uma indiferença quase virótica. Este sentimento de desinteresse que atinge o ser humano pode ser constatado em dois episódios marcantes na história recente: a Guerra da Bósnia e a Guerra do Golfo.

A realidade do mundo ocidental, resultado da artificialidade das relações sociais, não se permite refletir profundamente sobre si mesma. É preciso apreender uma outra realidade, que esteja geograficamente distante, para, então, sucumbir aos últimos resquícios de realidade que restam. Por esta razão o Ocidente empenha-se em “salvar” ou, pelo menos, tenta ser “solidário” com as vítimas dos conflitos no Oriente Médio e Próximo e a fim de se fortalecer com a imagem do aparentemente mais fraco.

A impotência encontra-se diante dos principais problemas ocidentais, como o tráfico de drogas, a banalização da sexualidade, a violência, o fim do político, entre outros “males”, que a sociedade e o Estado não conseguem resolver e, por isso, recorrem e à desgraça vizinha, ‘a qual demonstra significativa piora através da ação ininterrupta provocada pela mídia e, pelo que Baudrillard (1997), chama de humanitarismo. “É um inferno, mas um inferno, de qualquer maneira, hiper-real, tornado mais hiper-real ainda pelo esgotamento provocado pela mídia e o humanitário, dado que este torna ainda mais incompreensível a atitude do mundo inteiro com respeito ao problema.”

As ações da *intelligentsia* européia e norte-americana, como as de Susan Sontag, são criticadas pelo autor, por funcionarem como um anestésico que visa a espetacularização das condições de guerra ao servir de referência aos valores ocidentais, representados pelas campanhas de solidariedade. A solidariedade como imposição da mídia e alívio imediato da consciência transporece no livro de memórias de viagens de Baudrillard, *Cool Memories II* (1995), no qual ele sentenciava. “Ação ou exação? O voto, os abaixo-

assinados, a solidariedade, a informação, os direitos humanos, tudo isso vos é suavemente extorquido sob forma de chantagem pessoal ou publicitária.”

Percebe-se aqui a influência do tema nietzschiano do altruísmo egoísta no pensamento de Baudrillard. Para Nietzsche, deve haver uma superação da moral por parte do homem moderno e, está não pode mais estar atrelada à noção de rebanho, em que os grupos sociais seguem as normas pré-estabelecidas por um líder ‘a quem devem ser fiéis. Ao envolver-se em campanhas solidárias, o homem pensa conseguir preencher o vazio da culpa judaico-cristã que lhe foi impingida pela moral ao longo de sua existência.

No entanto, essa suposta ajuda é falsa e temporária, pois o sentimento de dívida é infinito levando-o a um processo de repetição de tais atos com a finalidade de aliviar sua consciência. O falso altruísmo, que só acontece, segundo Nietzsche para fins de sobrevivência, pois a falta de simpatia para com os outros impossibilita a vivência em sociedade, aparece no seguinte aforismo proferido pelo personagem Zaratustra: “(...)E se pretendes ajudar não lhes des mais do que uma esmola, e ainda assim espera que te peçam. – Não respondeu Zaratustra; - eu não dou esmolos. Não sou bastante pobre para isso.” (Nietzsche, 2000)

## 2 Guerra do Golfo

Baudrillard acredita que a Guerra do Golfo não se classifica como uma categoria de guerra propriamente dita. O fato de ter ocorrido no plano virtual, não existindo procedimentos característicos de enfrentamentos militares tornou-a uma espécie de artifício para negociações entre os norte-americanos e Saddam Hussein. A transmissão ao vivo dos combates virtuais através da televisão também contribuiu para que o conflito não parecesse real. No mundo inteiro, os telespectadores acompanharam-no, da mesma maneira como se

assistissem a uma novela. Baudrillard enfatiza que a guerra simplesmente não aconteceu.

*Essa guerra passou-se numa espécie de computador gigante, à moda americana, e no hiperespaço. A guerra é um evento mais real e foi absorvida pela máquina de dissuasão. Houve imensa preparação, fogos de artifício técnico, como em uma superprodução cinematográfica. Ao final, ficaram todos decepcionados, coma impressão de terem sido enganados. (Baudrillard apud Silva, 1993)*

Quando as coisas, os signos, as ações são libertadas de sua idéia, de seu conceito, de sua essência, de seu valor, de sua referência, de sua origem e de sua finalidade, entram então numa auto-representação ao infinito. Os objetos continuam a funcionar, ao passo que, a idéia deles já desapareceu. Perpetuam-se numa indiferença total ao seu próprio conteúdo. O paradoxo é que elas aparentam funcionar ainda melhores.

Assim como na Bósnia, a guerra do Golfo reflete a posição do mundo ocidental em relação as ameaças ao seu sistema interno. Cabe às nações chamadas de “civilizadas” espalhar pelo mundo sua cultura da indiferença aos valores. De acordo com os preceitos estabelecidos, os povos não deveriam acreditar e lutar por suas causas culturais porque essa posição não contribui para a manutenção da ordem universal ocidental na imposição dos seus valores vazios.

E por falar em Ocidente e em paradigmas, a próxima parada acontece num vagão do TGV (Trem de Grande Velocidade)<sup>3</sup> rumo a uma pequena estada reflexiva na França.

### 3 França

Desembarcamos na França, pátria mãe do Iluminismo, da democracia, da santíssima trindade

<sup>3</sup>“Pois com o TGV é a realidade virtual que passa, a realidade virtual que atravessa a França *in vitro*” (Baudrillard, 1997)

liberdade – igualdade – fraternidade e da república. Baudrillard não poupa críticas à sua terranatal ao destilar ironia quanto à corrupção da classe política e ao circo eletrônico armado pela mídia na cobertura das eleições. Uma espetacularização que, segundo ele, contribui ainda mais para o fim do político e para a crise que assola o sistema democrático. “Os meios de comunicação de massa e a classe política pagarão caro — já pagam a letra hipotecada, emitida sobre o nosso a valer imaginário, perdendo todo o crédito e toda credibilidade” (Baudrillard, 1997). Essa vertigem provocada pelo esvaziamento do político e do social tem na mídia sua principal disseminadora, através do bombardeamento sem limites de signos.

O alto índice de abstenção de votos no primeiro turno das eleições presidenciais de 2002 indica que os franceses suspeitam da credibilidade do homem político. Uma das nações mais comprometidas com as causas políticas e sociais ao longo da história, também se encontra interpelada pela compulsiva realidade.

Esta idéia, desenvolvida à exaustão em *Tela Total* já estava germinada em uma das primeiras obras do autor: *À sombra das maiorias silenciosas*.

*Enfraquecimento do político de uma pura ordenação estratégica a um sistema de representação, depois ao cenário atual de neofiguração, isto é, em que o sistema se perpetua sob os mesmos signos multiplicados mas que não representam mais nada e não têm seu “equivalente” numa “realidade” ou numa substância social real: não há mais investidura política porque também não há mais referente social de definição clássica. (Baudrillard, 1994)*

A partir da noção de repetição de signos constante feita pelos meios de comunicação é que se chega ao estado meteorológico da informação. Trata-se de um período de incertezas, na

qual a verdade, a verossimilhança e a credibilidade fundem-se ilimitadamente de forma virtual, contribuindo, desta maneira, para que “a meteorologia tornou-se um roteiro de referência.”

Sendo assim, as informações de qualquer tipo, principalmente as jornalísticas, por meio das novidades tecnológicas como a internet e os programas de edição dos computadores, ficam sujeitas a chuvas e trovoadas. Com a possibilidade de alterá-las a qualquer instante, tornam-se tão imprevisíveis quanto a natureza, perdendo seu caráter de realidade ao repousar apenas em uma credibilidade instantânea, como por exemplo, a indicação de sol ou neve para o próximo final de semana.

*Assim a informação meteorológica talvez possa ir de encontro ao que vemos pela janela, mas é verdadeira em simulação, posto que deriva dos diversos dados de um cenário modelo, onde entram, de resto, muitas outras considerações estranhas à meteorologia. (Baudrillard, 1997)*

A fetichização da imagem por parte da maioria silenciosa e indiferente encontra-se apenas na veloz sucessão de *frames* que perpassa o controle remoto em um *zapping* contínuo do mundo. Baudrillard (1997) chama atenção para essa edição *non-stop* do real, afirmando que “vemos, de fato, a proliferação das redes, dos cabos, dos programas, com o desaparecimento e a liquidificação dos conteúdos. O *zapping* quase involuntário do telespectador fazendo eco ao *zapping* da TV sobre si mesma.”

Ao término da viagem por lugares, onde ainda é possível se ter alguma dimensão real, num concentrado de informações e paisagens virtuais, chega-se, enfim, ao chamado ciberespaço. Aqui, ou seria lá, não se tem nenhuma certeza do que é real ou virtual. As duas esferas estão completamente integradas, uma à outra, o que torna a separação algo ininteligível, pois não se sabe nem o começo nem o fim do espaço real ou virtual.

Baudrillard classifica esse estado como deserto, na concepção metafórica da palavra.

*Anulação da paisagem, desertificação do território, abolição das distinções reais. O que até agora se limita ao físico e ao geográfico, no caso de nossas auto-estradas, tomará toda a sua dimensão no campo eletrônico com a abolição das distâncias mentais e a compressão absoluta do tempo. (Baudrillard, 1997)*

Vamos então apertar o botão de nossa viagem conceitual e trocar de canal, ajustando a sintonia da antena para o ciberespaço.

#### 4 Deserto, o universo do ciberespaço

O total vazio do conceito de real faz com que se perca controle sobre o que a transformação do virtual pode causar. Diz-se que o virtual é responsável por todas as representações que se tem do mundo. A única chance que resta, a fim de que as coisas continuem a existir, é a simulação do seu desaparecimento, isto é, a ilusão da sua existência.

Em função da aceleração descontínua do tempo, pensar na realidade é impossível, pois o virtual a elimina, assim como acaba também com a imaginação do real, do político e do social, no passado e no futuro. Denominado como tempo real, essa referência de passagem de tempo caracteriza-se pela falta de realidade objetiva, na qual os fatos não conseguem ter um tempo próprio para realizar-se, ocorrendo assim, operações simultâneas que não dão conta de expressar algum sentido.

Nada mais desaparece pelo fim ou pela morte, mas por proliferação, contaminação, saturação e transparência, por epidemia de simulação, condição de um modo fractal de dispersão. Para Baudrillard, essa condição leva à derrota do pensamento histórico e crítico, ao passo, que o tempo

real toma conta de qualquer forma de articulação coerente das condições reais.

Todavia, pela mesma razão que faz do virtual, um estado exagerado da falta de sentido, ele não pode ser considerado como uma ameaça real. Porque o sistema está condicionado a destruir o que encontrar pela frente, a sua própria força o impulsiona na eliminação a possibilidade de catástrofe final.

*Significa dizer que é inútil procurar uma política do virtual, uma ética do virtual, etc., dado que a própria política torna-se virtual, a ética mesma tornou-se virtual, no sentido de que ambas perdem o princípio de ação e a força de realidade. Mesmo no que se refere á técnica: fala-se das “tecnologias do virtual”, mas a verdade é que em breve só existirão técnicas virtuais. Ora, não há mais pensamento do artifício num mundo em que o próprio pensamento, a inteligência, torna-se artificial. Nesse sentido, podemos dizer que o virtual nos pensa, e não o inverso. (Baudrillard, 1997)*

Para Baudrillard, a relação do homem com a máquina é simbólica. Pode-se afirmar que a ocorrência da pseudo interação é nula, e, principalmente, caracteriza um confronto entre cria e criador. Um dos exemplos para essa situação é conhecido como o desafio entre o computador *Deep Blue* e o mestre do jogo de xadrez, Kasparov. Ao depender da técnica, institui-se o caráter de rivalidade homem versus máquina e a dominação da técnica sobre o ser humano. O pensador condena o comportamento simplista do homem frente a um instrumento desenvolvido por ele para lhe potencializar capacidades e estruturas.

Justamente o *software* do ser racional, distintamente daquele programado e restrito do computador é que o torna vencedor. Entretanto, o homem insiste na busca pelo aperfeiçoamento da linguagem e da memória, com a intenção de alcançar a equivalência da perfeição, presente no

sistema maquínico. Esquece-se que o erro, a sensibilidade e a intuição, sentimentos exclusivos dos homens, o definem enquanto ser humano e, além disso, são responsáveis pelas conquistas e derrotas da história da humanidade. A vitória de Kasparov é resultado da possibilidade de utilização da linguagem não matemática, daquilo que não é sentido pela máquina, limitada a encontrar soluções lógicas, as quais na maioria das vezes não são suficientes, nem para ganhar um jogo de xadrez, nem para criar soluções em ocasiões especiais, não programadas.

De acordo com Baudrillard, nesse interminável campeonato homem-máquina, a internet apenas simula um espaço de liberdade e de descoberta. Para toda busca, o que se considera uma navegação sem fronteiras e ilimitada, há um roteiro pré-estabelecido. Ao acessar, por exemplo, o site Alta Vista, ou *Google*, sites de busca de dados, tem-se a sensação de possuir o mundo no monitor, porém, ao clicar tópicos escolhidos, já existe um caminho, uma rota a ser seguida, previamente produzida. A sensação de liberdade pode tornar-se, mais uma vez, uma falácia das novas tecnologias.

Em oposição a esse pensamento, encontra-se Lévy (1999). O autor acredita na possibilidade de interconexão entre indivíduos a partir da adesão ao ciberespaço. A rede se constituiria um novo meio, capaz de proporcionar a um número elevado de usuários, uma comunicação democrática e universal ao possibilitar que o mundo se interligue, simultaneamente, em função de seus interesses e causas. Com o advento da comunicação impressa, o homem interrompe seu papel imediato de receptor e, passa então, a ser interpelado, de maneiras diversas, pelas mensagens. Para Lévy, o resgate da instantaneidade, presente na internet, implica a construção de uma inteligência coletiva que remete ao ideal proposto, em 1960, por McLuhan, de “aldeia global”.

A interatividade virtual, que aparentemente simula uma relação entre o que antes era separado,

diferente e oposto apresenta-se como uma ameaça porque incide na colisão e na confusão de pólos expostos, ocorrendo uma impossibilidade de estabelecimento de juízos de valor. A repercussão de um fato em tempo real, pela internet ou pela televisão, cria uma condição de virtualidade para o acontecimento, resultando na subtração do seu sentido histórico.

Baudrillard afirma que a interatividade virtual, aparentemente simula uma relação entre o que antes era separado, diferente e oposto e, apresenta-se como uma ameaça por incidir na colisão e na confusão de pólos expostos, ocorrendo uma impossibilidade de estabelecimento de juízos de valor. A repercussão de um fato em tempo real, pela internet ou pela televisão, cria uma condição de virtualidade para o acontecimento, resultando na subtração de seu sentido histórico.

Dois exemplos citados anteriormente, os conflitos na Bósnia e no Golfo Pérsico, demonstram o vazio da informação quando a notícia é repetida exaustivamente pelos meios de comunicação, causando uma espécie de indiferença nas massas.

*Diferentemente da fotografia, do cinema e da pintura, onde há uma cena e um olhar, a imagem-vídeo, como a tela do computer, induz a uma espécie de imersão, de relação umbilical, de interação tátil, como já dizia McLuhan sobre a televisão. Imersão celular, corpuscular: entramos na substância fluida da imagem para, eventualmente, modificá-la (...) desde o momento em que estamos diante da tela, não percebemos mais o texto enquanto texto, mas como imagem. Ora escrever torna-se uma atividade plena na separação estrita do texto e da tela, do texto e da imagem - nunca uma interação. (Baudrillard, 1997)*

O papel original do espectador torna-se, a cada clique, ainda mais obsoleto devido à interatividade, supostamente benéfica, entre homem e má-

quina. O fenômeno a que se esta submetido, seja a tela do computador ou com a televisão, implica na transformação do objeto de referência. O texto na tela do computador deixa de sê-lo como uma forma de escrita anterior para tornar-se uma imagem. No entanto, sabe-se que o espectador é ator somente quando há separação entre palco e plateia. A transformação corpórea e de identificação dos seres humanos que mergulham nesse mar profundo e revolto chamado ciberespaço torna-se então, quase que inevitável.

Baudrillard afirma que a própria imagem do mundo converte-se em algo hiper-real, em que a significação e tão transparente que se anula ironicamente no banal, na mediocridade, servindo ao florescimento dessa cultura tecnológica sem oferecer nenhuma resistência, enquanto o público parece amortecido por um vírus de indiferença contagiante.

*De qualquer maneira, a ditadura das imagens é uma ditadura irônica. Mas essa ironia não integra mais a parte maldita, faz parte do delito de iniciado, dessa cumplicidade oculta e vergonhosa que liga o artista explorando sua aura de derrisão com as massas estupefatas e incrédulas. A ironia também faz o complotê da arte. (Baudrillard, 1997)*

A indiferença dos seres humanos em relação a sua própria espécie os torna menos humanos, perdidos em suas referências sobre o passado e descrentes quanto ao futuro. O incansável desejo por experimentação e por ampliação dos horizontes científicos e tecnológicos transformam o homem em um laboratório de si mesmo, no qual os experimentos são ilimitados. Com o ponto final do roteiro de viagem chega-se, então, a questão principal: O homem estaria comprometendo a natureza do seu conhecimento e a sobrevivência da sua espécie em função do avanço desmedido das novas tecnologias, as quais são de inteira responsabilidade da humanidade? Seria o fim do

homem como enunciaram Nietzsche, Heidegger e Foucault em tempos anteriores?

O discurso irônico, e talvez, exagerado de Baudrillard ao longo da jornada virtual não apresenta respostas definitivas, apenas reitera e acentua situações conflitantes as sociedade contemporânea. Este texto apenas desconstrói algumas de suas questões principais e polemicas, apresentando oposições ao seu discurso com a finalidade de compreender porque o pensamento desse autor e tão duramente criticado. Longe de ser um pessimista, ele dá pistas sobre o que pode acontecer no caminho do homem e do universo e, faz um apelo para que haja uma reação humanista por parte da sociedade, no seu entender vazia de sentimentos.

Não há vítimas quando o homem procura um caminho sem volta, mesmo sabendo que a obscuridade e o perigo são seus companheiros eternos na busca pelo desconhecido, neste caso, o mundo virtual. A sedução das tecnologias merece ser avaliada, pois esse artifício pode esconder uma condição de servidão voluntária do homem, de criador de máquinas avançadas à ratinho de laboratório.

## 5 Referências Bibliográficas

- BAUDRILLARD, Jean. *À sombra das maiorias silenciosas. O fim do social e o surgimento das massas*. São Paulo: Brasiliense, 4 e.d., 1994
- BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Elfos, 1995.
- BAUDRILLARD, Jean. *Cool Memories II – Crônicas 1987-1990*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- BAUDRILLARD Jean. *Transparência do mal. Ensaio sobre os fenômenos extremos*. São Paulo: Papyrus, 1990.
- BAUDRILLARD, Jean. *Tela Total. Mito-ironias da era do virtual e da imagem*. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: editora 34, 1999.
- MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Rio de Janeiro: Vozes, 2<sup>a</sup> ed., 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Martin Claret, 2000.
- SILVA, Juremir Machado da. *O pensamento do fim do século*. Porto Alegre: L&PM, 1993.